



AS MAZELAS DO EXTRATIVISMO: PODER E ECOCRÍTICA EM GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

Felipe França Ferreira – franafelipe@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-8985-7091>

Samuel Anderson de Oliveira Lima – sanderlima25@yahoo.com.br

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, Rio Grande do Norte, Brasil;
<https://orcid.org/0000-0001-7525-5997>

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apontar e analisar fragmentos literários de obras do colombiano Gabriel García Márquez à luz da ecocrítica, que é um dos principais desdobramentos contemporâneos da literatura comparada e definida como uma denúncia de que em geral o capitalismo, com seu extrativismo, é a ordem que afeta diversos ecossistemas e produz injustiças e colapsos. A ecocrítica está ligada a uma preocupação ecológica que vem desde o Iluminismo e na crítica literária brasileira começa a dar seus primeiros passos. Na literatura latino-americana são inúmeros os exemplos que contribuem para o debate acerca de colapsos ambientais provocados pelo capitalismo, e a literatura de García Márquez está inserida nesse vasto grupo ecocrítico. Para demonstrar a relação entre Gabriel García Márquez e a ecocrítica, serão expostos trechos de suas obras que coadunam com tal perspectiva. Em muitas das obras do autor colombiano vencedor do Prêmio Nobel de 1982 é possível observar críticas ao extrativismo criminoso na Colômbia, cometido principalmente por agentes estrangeiros, muitas vezes em parceria com as elites e governos militares locais. Dessa forma, García Márquez é um dos autores que mais oferecem recursos para os estudos ecocríticos e caminhos para a proteção de ecossistemas.

PALAVRAS-CHAVE: ecocrítica; colapso ambiental; capitalismo; literatura latino-americana.

1 ECOCRÍTICA: DEFINIÇÕES E PRETENSÕES

Embora ainda dando seus primeiros passos na teoria e crítica literárias do Brasil, a ecocrítica é um desdobramento dos estudos literários contemporâneos dos mais destacados. Sendo o meio-ambiente o resultado da interação entre indivíduos, animais, natureza e sistema mundial capitalista, é ele também um problema da literatura, ao ponto de esta ampliar-se para uma proposta eco-ambientalista. Dessa forma, a ecocrítica oferece uma possibilidade de redefinição das estéticas (Brugioni; Melo, 2022), formas e gêneros, do que é literatura e da crítica literária.

Apesar de poder ser encarada como uma “novidade” na teoria e crítica brasileiras, a ecocrítica (*perspectiva ambientalista*) não é ideia nova nem tampouco modismo acadêmico. Uma coerente definição de ecocrítica é: uma reorientação ampliada acerca do que faz o homem (cultura) na natureza. Essa abordagem não deve ser entendida como uma oposição entre cultura e natureza, nem muito menos como uma cega defesa ambiental, um *discurso verde* esvaziado de sentido político. Essa preocupação ecológica de uma natureza sem contaminação vem dos cientistas e filósofos iluministas (Mukherjee *apud* Brugioni; Melo, 2022), não podendo, portanto, ser vista como radical nem contemporânea.

A ecocrítica é a perspectiva ambientalista da crítica literária contemporânea. Ela está inserida no campo das *humanidades ambientalistas* (Brugioni; Melo, 2022, p. 257) e coloca a literatura no campo de arte interrogante e propositiva sobre injustiças ambientais e suas diversas intensidades ao redor do mundo. Sendo assim, a ecocrítica pode debruçar-se sobre a derrubada desenfreada de árvores e assassinato de jaguares na Selva Lacandona em Chiapas (sudeste mexicano) para a venda de suas cabeças e garras no mercado chinês, como sobre a cruel e traumática condição das crianças palestinas na Faixa de Gaza.

Pode-se entender a ecocrítica como um resultado da aliança entre os estudos ambientais e os pós-coloniais. Tal união promove caminhos para a correção de injustiças ambientais em seus mais diferentes tipos e níveis. Há na ecocrítica a tarefa de tornar as humanidades cada vez mais preocupadas com a defesa do *verde*, ter um papel histórico responsável e uma concepção geográfica ambientalmente mais abrangente. É também preocupação da ecocrítica saber a quais obras literárias confiar as suas diretrizes, parâmetros e alcances, e mapeando quais dessas obras fazem registro da destruição e colapso ambientais, procuram denunciar e extinguir injustiças ambientais, bem como planos imperialistas.

Este artigo tem como exemplos de literaturas que estão inseridas no campo das *humanidades ambientais*, isto é, que estão ligadas à ecocrítica, os seguintes romances do escritor colombiano Gabriel García Márquez: *O amor nos tempos do cólera*, *Cem anos de solidão*, *Ninguém escreve ao coronel*, *Crônica de uma morte anunciada* e *Viver para contar* (este último é uma autobiografia bastante literária na qual García Márquez destrincha sua formação de esquerda). As considerações de Elena Brugioni e Alfredo Cesar Melo sobre a ecocrítica serão o principal referencial teórico deste trabalho. Outras obras servirão de apoio demonstrativo, mas que não deixam de reforçar relações entre as perspectivas do autor e a ecocrítica, como: *O século do vento*, de Eduardo Galeano, e a biografia que o inglês Gerald Martin escreveu sobre o colombiano de Aracataca.

Os trechos das obras de García Márquez utilizados como material de ecocrítica estarão citados no original em espanhol, mas em notas de rodapé contarão com suas respectivas traduções para o português. Entende-se que a utilização de obras em língua original do autor possibilita um melhor aproveitamento temático e estilístico.

2 A PRAGA EXTRATIVISTA: DO RIO MAGDALENA AOS BANANAIS COSTEIROS

Entre as obras mais lidas e conhecidas de García Márquez está *O amor nos tempos do cólera*, que narra as emoções e os percalços do amor impedido, mas “tardiamente” possível, entre Florentino Ariza e Fermina Daza. Essa obra está muito permeada pelo gênero *relato de viagem* e tem o Caribe como cenário central (e assim é com a maioria das obras de García Márquez). Florentino é filho oriundo de casa pobre, mãe trabalhadora (Tránsito Ariza) e que não conheceu o pai. Já Fermina é filha de um espanhol (Lorenzo

Daza) cujas práticas na Colômbia não são as mais éticas, mas que decide dá-la em casamento ao médico Juvenal Urbino, saudosista do auge aristocrático, em nome da honra e da ascensão social. Com muitas idas e vindas, ambos só conseguem a liberdade de amar juntos já na velhice, mas isso não impediu que desfrutassem de um amor que durante todo o enredo viveu sufocado, impedido, impossibilitado devido a uma série de imposições sociais, econômicas e financeiras.

Após a morte do marido Juvenal Urbino, Fermina Daza vive um luto que não durou muito e partiu em viagem com Florentino pelo Rio Magdalena. O relato dessa viagem presente em *O amor nos tempos do cólera* apresenta vários elementos que são claros exemplos de ecocrítica, humanidades ambientais ou perspectivas ambientalistas:

Al contrario de las aguas turbias de la desembocadura, aquellas eran lentas y diáfanas, y tenían un resplandor de metal bajo el sol despiadado. Fermina Daza tuvo la impresión de que era un delta poblado de islas de arena. – Es lo poco que nos va quedando del río – le dijo el capitán. Florentino Ariza, en efecto, estaba sorprendido de los cambios, y lo estaría más al día siguiente, cuando la navegación se hizo más difícil, y se dio cuenta de que el río padre de La Magdalena, uno de los grandes del mundo, era sólo una ilusión de la memoria. El capitán Samaritano les explicó cómo la deforestación irracional había acabado con el río en cincuenta años: las calderas de los buques habían devorado la selva enmarañada de árboles colosales que Florentino Ariza sintió como una opresión en su primer viaje¹ (García Márquez, 1985a, p. 450-451).

O principal rio da Colômbia e um dos maiores do mundo sofreu as consequências da ação predatória do homem e agora é um rio seco e cujas margens estão desertas, pois a vegetação que o margeia, marcada por imensas árvores, foi extraída para servir de lenha e combustível nas navegações. E o personagem Florentino Ariza, de tantas viagens fluviais, tem a sua memória afetada pela diferença: o rio Magdalena que um dia conheceu já não existe mais. O estado de Florentino é agora de uma saudade afetada, de uma desterritorialização. E a irracionalidade do desmatamento está nitidamente criticada nesse fragmento de *O amor nos tempos do cólera* e, além disso, a crítica é feita por alguém que ocupa cargo público, o que demonstra também que tipo de relação os agentes públicos devem ter quando se trata da observação e defesa do meio-ambiente.

E a ecocrítica, embora já demonstrada no trecho citado, continua em *O amor nos tempos do cólera*. Como isso que é chamado de *natureza* ou *meio-ambiente* é na verdade todo um ecossistema interligado, o desmatamento e a caça predatória resultam em graves consequências:

¹ Tradução: “Ao contrário das águas turvas da desembocadura, aquelas eram lentas e diáfanas, e tinham um resplendor de metal debaixo do sol impiedoso. Fermina Daza teve a impressão de um delta povoado de ilhas de areia. – É o pouco que nos vai restando do rio – disse o comandante. Florentino Ariza, com efeito, estava surpreso com o que havia de mudado, e mais ainda estaria no dia seguinte, quando a navegação ficou mais difícil, e percebeu que o rio pai, o Magdalena, um dos maiores do mundo, não passava de uma ilusão de memória. O capitão Samaritano explicou como o desmatamento irracional tinha acabado com o rio em cinquenta anos: as caldeiras dos navios tinham devorado a selva emaranhada de árvores colossais que Florentino sentia como uma opressão na primeira viagem” (García Márquez, 1985b, p. 408).

Fermina Daza no vería los animales de sus sueños: los cazadores de pieles de las tenerías de Nueva Orleans habían exterminado los caimanes que se hacían los muertos con las fauces abiertas durante horas y horas en los barrancos de la orilla para sorprender a las mariposas, los loros con sus algarabías y los micos con sus gritos de locos se habían ido muriendo a medida que se les acababan las frondas, los manatíes de grandes tetas de madres que amamantaban a sus crías y lloraban con voces de mujer desolada en los playones eran una especie extinguida por las balas blindadas de los cazadores de placer² (García Márquez, 1985a, p. 451).

A extração levou árvores e animais à extinção. E nesse trecho está marcada uma atividade que até os dias de hoje é uma das grandes responsáveis pela destruição de ecossistemas: a caça predatória com o objetivo de atender a algum mercado externo (nesse caso o norte-americano, e que já se pode registrar uma crítica ao imperialismo e sua conexão com a exploração ambiental), e a “esportiva” que, mesmo não visando abastecer mercados, destrói mesmo assim. A navegação fluvial a vapor destruiu a vegetação, e a ausência desta ocasionou a morte de micos e louros, e para fechar essa catástrofe em cadeia, os caçadores levam à extinção jacarés e peixes-boi.

No entanto, a literatura de “Gabo”, assim chamado García Márquez pelos mais íntimos, não só denuncia como também tem o desejo de punir, achincalhar, ridicularizar o destruidor do que pode ser chamado de *natureza colombiana*:

El capitán Samaritano les tenía un afecto casi maternal a los manatíes, porque le parecían señoras condenadas por algún extravío de amor, y tenía por cierta la leyenda de que eran las únicas hembras sin machos en el reino animal. Siempre se opuso a que les dispararan desde la borda, como era la costumbre, a pesar de que había leyes que lo prohibían. Un cazador de Carolina del Norte, con su documentación en regla, había desobedecido sus órdenes y le había destrozado la cabeza a una madre de manatí con un disparo certero de su Springfield, y la cría había quedado enloquecida de dolor llorando a gritos sobre el cuerpo tendido. El capitán había hecho subir al huérfano para hacerse cargo de él, y dejó al cazador abandonado en el playón desierto junto al cadáver de la madre asesinada. Estuvo seis meses en la cárcel, por protestas diplomáticas, y a punto de perder su licencia de navegante, pero salió dispuesto a repetir lo hecho cuantas veces hubiera ocasión. Sin embargo, aquel había sido un episodio histórico: el manatí huérfano, que creció y vivió muchos años en el parque de animales raros de San Nicolás de las Barrancas, fue el último que se vio en el río. – Cada vez que paso por ese playón – dijo – le ruego a Dios que aquel gringo se vuelva a embarcar en mi buque, para volver a dejarlo³ (García Márquez, 1985a, p. 451-452).

² Tradução: “Fermina Daza não veria os bichos de seus sonhos: os caçadores de peles dos curtumes de Nova Orleans haviam exterminado os jacarés que fingiam de mortos com as fauces abertas durante horas e horas nos barrancos da margem para surpreender as borboletas, os louros com suas algaravias e os micos com seus gritos de doidos tinham ido morrendo à medida que acabavam as frondes, os peixes-boi de grandes tetas de mãe que amamentavam as crias e choravam com vozes de mulher desolada nas pontas de areia eram uma espécie extinta pelas balas dos caçadores de prazer” (García Márquez, 1985b, p. 408-409).

³ Tradução: “O capitão Samaritano tinha um afeto quase maternal pelos peixes-boi, porque lhe davam a impressão de senhoras condenadas por algum extravio de amor, e tinha como certa a lenda de que eram as únicas fêmeas sem machos no reino animal. Sempre se opunha a que disparassem de bordo como era de costume, apesar de existirem leis que o proibiam. Um

O capitão é símbolo de agente público ambientalista, um defensor da fauna e da flora colombianas. Outra vez é um caçador norte-americano que aparece como destruidor da fauna, num segundo registro do que pode ser entendido como ecocrítica ao imperialismo. Mas, dessa vez, o caçador passa por uma punição: o abandono em meio à natureza que ele destrói, e mais precisamente, ao lado do corpo do animal assassinado por ele, que é para, talvez, gerar algum tipo de reflexão e arrependimento por todo o sofrimento e terror provocados. Na Colômbia de García Márquez, não há lugar para a submissão ao que é estado-unidense, e sim muita crítica, denúncia do imperialismo e do neocolonialismo. E o fato do peixe-boi resgatado ter sido o último visto no rio, aumenta sua áurea de herói nacionalista.

Ainda no mesmo trecho, uma outra faceta do imperialismo é revelada: a pressão diplomática objetivando uma retaliação, uma vingança, que nesse caso foi a prisão do capitão devido ao que fez com o cidadão do país do Tio Sam. No entanto, o capitão não se arrepende de ter aplicado ao caçador norte-americano tal punição, o que classifica o seu ato como uma defesa incansável, incorrigível e nacionalista da *natureza colombiana*. O capitão Samaritano, cujo nome já é um pastiche do texto bíblico e que representa alguém que ajuda o próximo (“aquele gigante terno”), é um exemplo de postura de defesa nacional-ambientalista.

O amor nos tempos do cólera tem como *cronos* o período final do século XIX e início do século XX. Nessa época da viagem realizada pelo Magdalena, Florentino Ariza era o presidente da Companhia Fluvial do Caribe. Antes mesmo de ascender ao cargo de presidente da Companhia, Florentino recebeu vários comunicados que o alarmavam sobre a situação do rio, mas ele foi negligente e se limitou a dizer para os sócios que logo mais a lenha se acabaria e chegariam barcos a petróleo.

Porém, esqueceu de que não seria possível arranjar um rio novo. É possível extrair disso uma crítica ambiental e gestora: não se pode negligenciar o cuidado com a natureza nacional, pois ela é uma só e a destruição muitas vezes não apresenta cura e um retorno é impossível. Autoridades ambientais ou cuja atribuição é cuidar e proteger de algum meio ecológico estão obrigadas a seguir suas competências meticulosamente. Danos ecológicos podem ser irreparáveis e irreversíveis.

A presidência de Florentino Ariza na Companhia Fluvial do Caribe foi decisão do seu tio Leão XII confirmada pelos sócios. O tio de Florentino era um homem de caráter nacionalista, enquanto que

caçador da Carolina do Norte, com sua documentação em regra, tinha desobedecido às suas ordens e destrocado a cabeça de uma mãe de peixe-boi com um disparo certeiro de sua Springfield, e a cria tinha ficado enlouquecida de dor chorando aos gritos sobre o corpo estendido. O comandante tinha feito subir para bordo o órfão, para cuidar dele, e deixou o caçador abandonado na praia deserta junto ao cadáver da mãe assassinada. Passou seis meses no cárcere, devido a protestos diplomáticos, e quase perdeu sua licença, mas saiu disposto a repetir o feito sempre que houvesse ocasião. Contudo, aquele passou a ser um episódio histórico: o peixe-boi órfão, que cresceu e viveu muitos anos no parque de animais raros de São Nicolau das Barrancas, foi o último que se viu no rio. – Cada vez que passo por essa praia – disse – rogo a Deus que aquele gringo volte a embarcar no meu navio, para que eu volte a deixá-lo” (García Márquez, 1985b, p. 409).

seu sobrinho não dava muita atenção ao fator político. A preocupação de Leão XII era de que a navegação fluvial do Caribe fosse parar em mãos dos consórcios europeus através de empresários do interior, daí a importância que atribuía ao monopólio da navegação dado pelo Congresso Nacional à Companhia: “si lo cogen los cachacos se lo vuelven a regalar a los alemanes [...]. Aquí se hacen nuevas constituciones, nuevas leyes, nuevas guerras cada tres meses, pero seguimos en la Colonia⁴” (García Márquez, 1985a, p. 365), ou seja, o tio de Florentino Ariza, presidente da Companhia por décadas, tinha uma preocupação nacionalista por entender que conglomerados multinacionais dominariam a navegação em demérito da nação colombiana. Se houve a independência, que ela seja praticada: eis o pensamento do tio Leão XII.

Florentino Ariza não era muito afeito à política, mas defendia que houvesse a quebra do monopólio, o que ajuda a entender sua decisão de satisfazer em primeiro lugar os sócios e negligenciar os alarmantes informes sobre a situação do rio Magdalena. Estando contra o monopólio de uma companhia nacional e favorável à abertura para as leis da competitividade do mercado, pois em seu pensamento a navegação fluvial do Caribe estava preste a colapsar, Florentino Ariza cometeu os mesmos erros que hoje cometem muitos liberais, não só no Brasil como em toda a América Latina.

O cenário ao redor do rio Magdalena é descrito em *O amor nos tempos do cólera* como estando devastado, primeiro pela relação predatória do homem estrangeiro e nacional, mas também pela mortandade que as inúmeras e sangrentas guerras entre liberais e conservadores que arrasaram o país deixando milhares de mortos. A guerra pode ser entendida como um dos alvos da ecocrítica, no sentido de que ela representa mais um desdobramento da destruição do homem por si mesmo, o que ocorre também quando há a extinção de animais e árvores, pois o homem não é parte separada da natureza, por isso que o argumento de que cultura e natureza estão em separado é uma falácia (Brugioni; Melo, 2022, p. 255). No entendimento à luz da ecocrítica, tudo se relaciona com tudo ambientalmente.

A situação do rio e seu entorno é de desertificação. Após décadas de exploração devido à extração para a retirada de lenha e extinção de animais para atender demandas do mercado externo, o rio Magdalena e suas recheadas margens se converteram em terra arrasada:

Cuando los caimanes se comieron la última mariposa, y se acabaron los manatíes maternales, se acabaron los loros, los micos, los pueblos: se acabó todo. – No hay problema – reía el capitán –, dentro de unos años vendremos por el cauce seco en automóviles de lujo⁵ (García Márquez, 1985a, p. 459).

⁴ Tradução: “Se cai nas mãos dos cachacos estes tornam a dá-lo de presente aos alemães [...]. Aqui se fazem novas constituições, novas leis, novas guerras cada três meses, mas continuamos na Colônia” (García Márquez, 1985b, p. 329).

⁵ Tradução: “Quando os jacarés comeram a última borboleta, e acabaram os peixes-boi maternais, acabaram os louros, os micos, as povoações: acabou tudo. – Não há problema – ria o comandante. – Dentro de uns anos viremos pelo leito seco em automóveis de luxo” (García Márquez, 1985b, p. 416).

A visão de García Márquez sobre a natureza não é de finitude, mas sim a de que sociedades que só exploram, destroem e saqueiam o meio onde estão inseridas, terão um final trágico. A cadeia de desaparecimento não deixa dúvidas: animais, plantas e árvores somem primeiro, mas na sequência vêm os “pueblos”, que não são outra coisa senão reuniões humanas.

Segundo o que Livia Penedo Jacob afirma em seu recente estudo *A literatura indígena brasileira diante de Gaia: ensaiando o fim*, o ocidente vem cada vez mais observando e absorvendo o que ela chama de *pensamento ameríndio*, e a literatura de Gabriel García Márquez está marcada por esse olhar que tanto defende uma relação ética e respeitosa entre homem e natureza, que na verdade é o homem respeitar-se a si mesmo, já que não é parte em separado dela: “inexistência da secção natureza-cultura entre os nativos do continente americano” (Jacob, 2023, p. 16). A literatura de García Márquez está, dessa forma, marcada pela concepção de que tudo é natureza, assim como os ameríndios. Ela não se diferencia, sob nenhuma hipótese, das considerações de Ailton Krenak, por exemplo, sobre o rio Doce:

O Watu, esse rio que sustentou a nossa vida às margens do rio Doce, entre Minas Gerais e Espírito Santo, numa extensão de seiscentos quilômetros, está todo coberto por um material tóxico que desceu de uma barragem de contenção de resíduos, o que nos deixou órfãos e acompanhando o rio em coma. Faz um ano e meio que esse crime – que não pode ser chamado de acidente – atingiu as nossas vidas de maneira radical, nos colocando na real condição de um mundo que acabou (Krenak, 2019, p. 42).

Tanto o Magdalena da Colômbia de García Márquez quanto o Watu (Doce) dos Krenak e tantos outros são organismos vivos, não são recursos para que apenas sejam destruídos e quando se esgote o seu potencial, parte-se para um outro extrativismo. A destruição de um rio é perda de vida para todo um ecossistema, não havendo, na maioria das vezes, mais escapatória. Ainda sobre o rio Doce, Krenak considera que “nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas” (Krenak, 2019, p. 40), e numa mesma linha de consideração respeitosa para com um rio, esse ser vivo, em *O amor nos tempos do cólera*, o Magdalena aparece denominado como o *rio padre*, o *rio pai*.

Sobre o capitalismo e seu potencial de destruição pela mercantilização de tudo e de todos, Jacob é da opinião de que “além de fomentar a acumulação dos bens como mola propulsora do seu sistema econômico, o modo de produção capitalista tende a mercantilizar tudo, inclusive pessoas, plantas, minerais, bichos e a própria terra” (Jacob, 2023, p. 10), ou seja, a essência do capital é a produção desenfreada, que visa extrair o máximo do ecossistema, levando-o a um colapso catastrófico. Importante salientar também que a autora, assim como García Márquez no trecho de *O amor nos tempos do cólera*, engloba homem (pessoas) e natureza (plantas, minerais, bichos e a terra) como vítimas da grande exploração mercantil imposta pelo sistema capitalista.

Se o homem continua agindo com essa voracidade, tudo se acabará, o que inevitavelmente também o envolve. E a risada final do capitão é ironicamente profética: o turismo futuro será num rio cujo leito secou e já não haverá nem mais como navegar. Tal riso é também um duro golpe na negligência de Florentino Ariza quando reagiu aos informes que alertavam sobre as condições ambientais do rio tentando acalmar os sócios da Companhia Fluvial do Caribe com a promessa de que logo mais haveria barcos movidos a combustível. Os carros de luxo são movidos a combustível fóssil, e não é surpresa ou novidade o intenso debate acerca dos impactos ambientais provocados pela exploração petroleira em terra e em mar. E, além disso, não é exagero dizer que o petróleo é o grande mercado do imperialismo norte-americano. O resultado da exploração chega para o homem como uma condenação por sua ganância.

Outra obra de Gabriel García Márquez que oferece diversas situações que guardam relação com a ecocrítica é *Cem anos de solidão*, romance no qual as mudanças engendradas no povoado de Macondo após a chegada da Companhia Bananeira são demonstrações de como exploração, imperialismo e ditaduras convergem. E as ações da Companhia no povoado passam pelo crivo da ecocrítica. A primeira medida que a Companhia tomou em Macondo já trouxe consigo uma desmedida violência:

Quando llegó la compañía bananera, sin embargo, los funcionarios locales fueron sustituidos por forasteros autoritarios, que el señor Brown se llevó a vivir en el gallinero electrificado, para que gozaran, según explicó, de la dignidad que correspondía a su investidura, y no padecieran el calor y los mosquitos y las incontables incomodidades y privaciones del pueblo. Los antiguos policías fueron reemplazados por sicarios de machetes⁶ (García Márquez, 1996, p. 205).

A violência é a primeira grande praga trazida pela companhia bananeira, propriedade de norte-americanos. Um dos sicários matou uma criança e seu avô a golpes de facão pelo simples fato de a criança ter-lhe, sem querer, tropeçado e derramado refresco em sua farda. Esses assassinatos descabidos reacenderam a indignação revolucionária no Coronel Aureliano Buendía, quem proferiu as seguintes palavras, que guardam íntima relação com o que disse o capitão Samaritano em *O amor nos tempos do cólera*: “¡Un día de estos – gritó – voy a armar a mis muchachos para que acaben con estos gringos de mierda!” (García Márquez, 1986, p. 206)⁷: um grito de anseios revolucionários e anti-imperialista.

A chegada da Companhia trouxe violências e injustiças, que por sua vez provocaram a revolta do Coronel Aureliano Buendía, arrependido por não ter guerreado antes até as últimas consequências. E os

⁶ Tradução: “Quando chegou a companhia bananeira, entretanto, os funcionários locais foram substituídos por forasteiros autoritários que o Sr. Brown levou para viver no galinheiro eletrificado, para que gozassem, conforme explicou, da dignidade que correspondia à sua importância, e não padecessem o calor e os mosquitos e as incontáveis desconfortos e privações do povoado. Os antigos guardas foram substituídos por sacripantas armados de facões no cinto” (García Márquez, 2016, p. 275).

⁷ Tradução: “Dia desses – gritou – vou armar meus rapazes para acabar com esses gringos de merda!” (García Márquez, 2016, p. 276).

guardas armados de facção residiam nas dependências da Companhia, o que demonstra o poder promíscuo e nefasto desempenhado pela empresa no povoado.

O comportamento armamentista é a marca inicial da Companhia:

Fernanda regresó a Macondo en un tren protegido por policías armados. Durante el viaje advirtió la tensión de los pasajeros, los aprestos militares en los pueblos de la línea y el aire enrarecido por la certidumbre de que algo grave iba a suceder, pero careció de información mientras no llegó a Macondo y le contaron que José Arcadio Segundo estaba incitando a la huelga a los trabajadores de la compañía bananera⁸ (García Márquez, 1996, p. 253).

O motivo da greve era a exploração dos trabalhadores que não queriam cortar e carregar bananas aos domingos. O pedido deles teve apoio até do padre Antonio Isabel. Haver tomado partido dos trabalhadores na injusta e exploratória relação de trabalho com a Companhia lançou José Arcadio Segundo na clandestinidade das reuniões secretas e na habilidade de escapar de uma tentativa de homicídio muito provavelmente orquestrada pela Companhia em aliança com o governo ditatorial. O exército e os capangas da Companhia formavam um só braço armado contra qualquer organização dos trabalhadores. José Arcadio Segundo era uma espécie de líder anarcossindicalista e instigou diversas revoltas na zona bananeira. Esteve preso por quase noventa dias e foi liberto porque governo e Companhia não quiseram arcar com os custos da alimentação dos agitadores presos.

Os trabalhadores protestavam devido às moradias precárias, serviços médicos insuficientes e condições de trabalho que beiravam a escravidão colonial. Além disso, não eram remunerados, mas sim pagos com vales-alimentação que davam para comprar apenas o presunto trazido da Virginia pela própria Companhia, que com o arrecadado financiava o seu transporte fruteiro. O anarquista José Arcadio Segundo revelou esse ciclo exploratório no qual os trabalhadores na verdade pagavam para trabalhar. Os trabalhadores também não tiveram muito recurso jurídico, pois as autoridades aceitavam as mais fajutas argumentações por parte dos advogados da empresa, sendo uma delas a de que a Companhia jamais tivera trabalhadores a seu serviço, limitando-se a contratações temporárias. Ou seja, os trabalhadores inexistiam.

Não houve outra reação que não uma greve geral: as bananas não foram colhidas e os trens pararam. Os trabalhadores lotaram os povoados. O exército se encarregou de retomar a produção e colocar as bananas nos vagões, o que levou os trabalhadores a impedir a retomada. A família estadunidense dos Brown e outras de mesma nacionalidade, proprietários dos bananais e que se

⁸ Tradução: “Fernanda regressou a Macondo num trem protegido por policiais armados. Durante a viagem notou a tensão dos passageiros, o aparato militar nos povoados da linha e o ar rarefeito pela certeza de que alguma coisa grave ia acontecer, mas careceu de informação até que chegaram a Macondo e lhe contaram que José Arcadio Segundo estava incitando os trabalhadores da companhia bananeira a fazerem greve” (García Márquez, 2016, p. 331-332).

impuseram um regime de *apartheid* com relação ao povoado trancafiados na verdade por medo de revoltas, com a ajuda do exército foram abrigadas em segurança.

O exército, com a ordem de desbaratar a subversiva reunião de trabalhadores agrupados na estação e nos vagões, tinha a ordem, lida por um tenente, de matá-los a tiros. Foi dado tempo de cinco minutos para que os trabalhadores se retirassem. Passado esse tempo, abriram fogo e, em Macondo, ocorreu o massacre de três mil trabalhadores por mãos e armas do exército e para a proteção de uma empresa norte-americana. Os mortos depois foram atirados ao mar. A Companhia Bananeira foi uma verdadeira praga em Macondo e trouxe ao povoado violência, fome, exploração, latifúndio, destruição e morte. José Arcadio Segundo, tentando denunciar a barbárie cometida pelo exército, mesmo que de maneira alucinada, esbarrou no silêncio e na indiferença: em Macondo não houve mortos.

A chegada desse capitalismo estrangeiro foi para Macondo uma verdadeira desgraça. E tal capital se articulou com um governo militar para que ambos tivessem continuidade e ganhos. E essa foi a tônica de muitas ditaduras latino-americanas: relação promíscua entre capital estrangeiro, estado e forças armadas. A Companhia Bananeira foi em Macondo o que a empresa estadunidense *United Fruit Company* foi para muitos países latino-americanos: exploradora, destruidora, golpista e ditatorial. Uma multinacional norte-americana reprodutora de uma mentalidade imperialista. Macondo e os povoados vizinhos não foram mais os mesmos após a chegada desse poder capitalista estrangeiro, o que ajuda a entender que o progresso econômico muitas vezes é acompanhado de barbárie e destruição.

A Companhia conheceu em Macondo um verdadeiro esplendor bananeiro, mas, esplendor e poder em García Márquez não deixam de passar pelo crivo analítico de que tudo caminha para a sua finitude: o inevitável desaparecimento de tudo o que um dia foi um grande império. Apogeu e queda. Todo o latifúndio e as casas luxuosas dos estadunidenses terminaram como depósitos de escombros e animais. Em García Márquez, todo império tem os pés de barro e tudo passa (*panta rei*), logo, a mercantilização de homens, animais, plantas e terras não faz sentido. O tempo a tudo destrói, não importa o tamanho do esplendor. O poder existe e atua, mas inevitavelmente acaba. A maldição levada pela Companhia Bananeira a Macondo foi a do poder exploratório, do latifúndio, das terras “infinitas” nas mãos de alguns poucos e que esvaziam toda uma coletividade. A ação da Companhia Bananeira foi predatória, exaurindo terras e corpos, exatamente como Livia Penedo Jacob classificou em seu estudo *A literatura indígena brasileira diante de Gaia: ensaiando o fim*, sobre a ação extrato-mercantilista do grande capital.

Eduardo Galeano em *O século do vento*, que é a terceira parte da trilogia *Memória do Fogo*, expõe de maneira muito certa as ações da *United Fruit Company* na Colômbia. Num aforismo intitulado *1928 Ao sul de Santa Marta*, o escritor uruguaio descreve a impactante chegada da empresa norte-americana ao interior colombiano, processo que é classificado como *Bananiização*:

Eram apenas perdidas aldeias da costa da Colômbia, uma ruela de pó entre o rio e o cemitério, um bocejo entre duas cochiladas, quando o trem amarelo da United Fruit Company chegou do mar. Tossindo fumaça, o trem atravessou os pântanos e abriu caminho na selva, e ao emergir na fulgurante claridade anunciou, apitando, que a idade da banana tinha nascido. Então toda a comarca despertou transformada em imensa plantação. Ciénaga, Aracataca e Fundación tiveram telégrafo e correio e novas ruas com bilhares e bordéis; e os camponeses acudiam aos milhares, esqueciam a mula na paliçada e viravam operários. Durante anos esses operários foram obedientes e baratos, ceifaram ervas e ramos por menos de um dólar por dia e aceitaram viver em imundos barracões e morrer de malária ou tuberculose. Depois, formaram sindicato (Galeano, 1988, p. 87-88).

A Aracataca citada no trecho de Don Galeano é o município onde nasceu Gabriel García Márquez. Está no estado de Magdalena e a Macondo de *Cem anos de solidão* é uma transposição ficcional dela, mas que pode também ser “uma metáfora para a América Latina inteira, [...] de qualquer lugar do Terceiro Mundo” (Martin, 2010, p. 371). Na sequência de seus aforismos, Galeano ainda aborda a questão da relação íntima que a empresa norte-americana estabeleceu com o poder ditatorial colombiano (é oferecido um banquete em homenagem ao Chefe Civil e Militar da região, o coronel Cortés Vargas, citado nominalmente na narrativa de Gabo) que massacrrou trabalhadores grevistas e tal barbárie foi ocultada pelas autoridades e lançada no esquecimento. O relato sobre a ação da *United Fruit Company* culmina no aforismo 1928 *Bogotá Noticiero*:

A imprensa informa sobre os recentes acontecimentos na zona bananeira. Segundo fontes oficiais, os abusos dos grevistas deixaram um saldo de quarenta plantações incendiadas, trinta e cinco mil metros de fio telegráfico destruídos e oito trabalhadores mortos quando tentavam agredir o exército. O presidente da República acusa os grevistas de traição e felonía. *Eles atravessaram com seu punhal envenenado o coração amante da Pátria*, declara. Por decreto, o presidente designa para diretor da Polícia Nacional o general Cortés Vargas e anuncia promoções e recompensas para os outros oficiais participantes dos acontecimentos notórios. Em espetacular discurso, o jovem legislador liberal Jorge Eliécer Gaitán contradiz a versão oficial e denuncia que o exército colombiano cometeu carnificina cumprindo ordens de uma empresa estrangeira. A United Fruit Company, que segundo Gaitán dirigiu a matança dos trabalhadores, reduziu as diárias depois que a greve foi esmagada. A United Fruit paga diárias com cupões e não com dinheiro. O legislador realçou que a empresa explora terras presenteadas pelo Estado colombiano e está isenta de impostos (Galeano, 1988, p. 90).

Todo o desastre provocado pela *United Fruit Company* no interior costeiro colombiano teve a participação de membros do Estado colombiano, numa terrível aliança que explorou e extinguiu homens, mulheres e terras nacionais. As denúncias de Gabriel García Márquez através de *Cem anos de solidão* e a do líder de esquerda Jorge Eliécer Gaitán têm o mesmo objetivo: demonstrar as ações de um capitalismo estrangeiro alinhado a um poder armado e suas mortais consequências.

A Companhia se instalou, explorou, exauriu, matou, foi protegida e sumiu, deixando terra arrasada, como o leito e as margens do rio Magdalena em *Do amor e outros demônios*. Ambas as denúncias

pertencem a um escopo nacionalista, de defesa do trabalhador colombiano, de terras colombianas, de povoados colombianos, de uma *natureza* nacional, que deve ser protegida por um Estado zeloso e atento. É importante frisar, em paralelo aos fragmentos literários já expostos aqui, que a formação política de García Márquez foi com republicanos espanhóis refugiados dos horrores franquistas durante a Guerra Civil Espanhola, traço importante para a compreensão de sua literatura: “seguí creciendo después entre los exiliados de la guerra civil española” (García Márquez, 2010, p. 35)⁹, revelou “Gabo” na sua poética autobiografia *Vivir para contarla*. A formação política de “Gabo” é de esquerda, republicana, ambientalista, anti-imperialista e democrática, e todas essas características desaguam na sua literatura.

O latifúndio está presente em muitas das obras de García Márquez e nelas ele ocupa um lugar bastante negativo: solidão, irracionalidade, auge, queda e corrupção. Em *Del amor y otros demonios*, cujo enredo se passa no vice-reinado de Nova Granada do século XVIII e é o relato de uma outra história de amor impedido (entre Cayetano Delaura e Sierva María) por tabus sociais, as terras do Marquês de Casaldueiro (pai de Sierva María) eram “un latifundio inmenso y ocioso, cuyos linderos imaginarios se perdían en la memoria más allá de los pantanos de La Guaripa y los bajos de La Pureza hasta los manglares de Urabá” (García Márquez, 2001, p. 54-55).¹⁰ Há nesse trecho uma ecocrítica à base da estrutura socioeconômica colonial. Enquanto muitos sequer têm terras para plantar ou o que comer, um só homem é dono de uma vastidão que se estende de uma ponta à outra do vice-reino. O latifúndio é a estrutura fundante do poder na América Latina, e atravessa o período colonial e alcança as repúblicas até hoje. Terras com nenhuma produtividade que acabam travando assistências e desenvolvimentos.

E em *Del amor y otros demonios*, o latifúndio, imenso e símbolo material de poder, também passa pela constatação de que por mais poderosa que seja uma estrutura, ela não resiste ao efeito corrosivo do tempo e ao seu próprio modelo monocultor e paralítico:

La hacienda que había sido la mejor del virreinato estaba reducida a la nada. Era imposible distinguir el camino a la maleza. Del ingenio sólo quedaban los escombros, las máquinas carcomidas por el óxido, las osamentas de los últimos bueyes todavía unidas al brazo del trapiche¹¹ (García Márquez, 2001, p. 190).

A terra não resistiu à exaustividade que lhe foi imposta e o maquinário não suportou os descuidos aos quais foi submetido. É um sistema que cansou, que se exauriu e que guarda certas semelhanças com as terras deixadas para trás pela *United Fruit Company* em Macondo/Aracataca após tanta exploração do

⁹ Tradução: “Continuei depois crescendo entre os exilados da guerra civil espanhola” (García Márquez, 2003, p. 30).

¹⁰ Tradução: “Latifúndio imenso e ocioso, cujos limites imaginários se perdiam na memória mais além dos pântanos de La Guaripa e nas planícies de La Pureza até os manguezais de Urabá” (García Márquez, 1995, p. 59).

¹¹ Tradução: “A fazenda, que tinha sido a melhor do vice-reinado, estava reduzida a nada. Era impossível distinguir a estrada a estrada no meio do capinzal. Do engenho só restavam as ruínas, as máquinas carcomidas pela ferrugem, as ossadas dos dois últimos bois ainda unidas pela canga ao braço do trapiche” (García Márquez, 1995, p. 209).

solo e de trabalhadores. Na ecocrítica que realiza Gabriel García Márquez nas obras aqui trabalhadas, o poder monocultor, latifundiário, extrativista, explorador, neoliberal e neocolonial, já traz na sua gênese o verme da sua própria ruína, evidenciando como a terra, no todo, precisa de uma relação sistêmica na qual ela seja respeitada. O desrespeito à terra e ao que nela há traz graves consequências.

Em *El coronel no tiene quien le escriba*, obra que narra as penúrias de um coronel que anseia por uma aposentadoria que nunca chega e cujo filho foi assassinado por militares após distribuir numa rinha de galos panfletos subversivos, há denúncia semelhante a essa sobre as horrendas ações da *United Fruit Company*/Companhia Bananeira, mas com um detalhe de explicação interna: o latifundiário Don Sabas vai adquirindo cada vez mais terras com a conivência do alcaide, mas dessa vez é uma autoridade pública propiciando terras através de violência:

Ese animal [o galo do coronel] se alimenta de carne humana. – El único animal que se alimenta de carne humana es don Sabas – dijo el médico –. Estoy seguro de que revenderá el gallo por novecientos pesos. –¿Usted cree? – Estoy seguro – dijo el médico –. Es un negocio tan redondo como su famoso pacto patriótico con el alcalde. El coronel se resistió a creerlo. “Mi compañero hizo ese pacto para salvar el pellejo”, dijo. “Por eso pudo quedarse en el pueblo”. “Y por eso pudo comprar a mitad de precio los bienes de sus propios copartidarios que el alcalde expulsaba del pueblo”, replicó el médico. [...] – No sea ingenuo – dijo –. A don Sabas le interesa la plata mucho más que su propio pellejo¹² (García Márquez, 2004, p. 80-81, grifo nosso).

O falso patriota Don Sabas é proprietário cujas terras foram adquiridas devido à perseguição de companheiros políticos seus. O governo militar perseguia e expulsava, e don Sabas comprava e enriquecia. Uma retroalimentação corrupta. A comparação de Sabas com um canibal é para evidenciar como o latifúndio representa, assim como nas terras do Marquês de Casaldueiro (e este em *Del amor y otros demonios* é comparado a um vampiro), o excesso de um que prejudica toda a coletividade. As figuras do canibal e do vampiro são parasitárias, sugadoras, exterminadoras.

O próprio coronel, cada vez mais sem ter o que comer em casa, se humilha para o amigo Sabas tentando vender-lhe um galo enquanto ele guarda muito dinheiro num cofre e possui imensas terras. Don Sabas faz, em parceria com o alcaide, praticamente o mesmo que a *United Fruit Company*/Companhia Bananeira: reúne para si, concentra, explora e engendra a fome alheia, mas sem deixar de padecer a

¹² Tradução: “Esse bicho [o galo do coronel] se alimenta de carne humana. – O único bicho que se alimenta de carne humana é Dom Sabas – disse o médico. – Estou certo de que o senhor vai pegar os novecentos pesos no galo. – Acha? – Acho, sim. É negócio tão seguro quanto o famoso pacto patriótico que ele fez com o alcaide. O Coronel não queria acreditar. – Meu compadre fez esse pacto para salvar a pele – justificou. – Por isso pôde ficar na cidade. – E por isso que pôde ficar com todos os bens dos próprios correligionários que o alcaide expulsou daqui, pela metade do preço – replicou o médico. [...] – Não seja bobo, amigo – disse. – Dom Sabas se interessa muito mais por dinheiro do que pela própria pele” (García Márquez, 2014, p. 76-77).

maldição do seu próprio poder: Don Sabas apodrece lentamente em sua diabetes. A gula da riqueza é de múltiplas e graves consequências.

Apesar de toda a ecocrítica nacionalista, de toda a humanidade ambientalista e anti-imperialista presente na literatura *garciamarquiana*¹³, não se pode generalizar e considerar que as duas obras demonizam trabalhos vinculados à propriedade. Em *Crónica de una muerte anunciada*, narrativa sobre o brutal e covarde assassinato de Santiago Nasar pelos irmãos Pablo e Pedro Vicario, após acreditarem no blefe de que ele havia desonrado sua irmã Ángela Vicario sem matrimônio e que fora devolvida à família ainda na noite de núpcias, García Márquez oferece o exemplo de Santiago, árabe-colombiano proprietário, mas respeitoso com a *natureza*.

De no haber sido por la llegada del obispo se habría puesto el vestido de caqui y las botas de montar con que se iba los lunes a El Divino Rostro, la hacienda de ganado que heredó de su padre, y que él administraba con muy buen juicio aunque sin mucha fortuna¹⁴ (García Márquez, 1983, p. 10).

Nesse fragmento, percebe-se a presença de elementos como botas de montar, fazenda de gado e herança, mas não se atribui valor negativo a esse tipo de atividade, mas muito pelo contrário, pois a herança deixada pelo pai de Santiago Nasar, o árabe Ibrahim Nasar, foi digna, já que fruto do próprio suor e de prudente administração:

De su padre aprendió desde muy niño el dominio de las armas de fuego, el amor por los caballos y la maestría de las aves de presas altas, pero de él aprendió también las buenas artes del valor y la prudencia. [...] La muerte de su padre lo había forzado a abandonar los estudios al término de la escuela secundaria, para hacerse cargo de la hacienda familiar. Por sus méritos propios, Santiago Nasar era alegre y pacífico, y de corazón fácil¹⁵ (García Márquez, 1983, p. 14).

Apesar de andar armado, a violência não é traço de Santiago Nasar nem muito menos da comunidade árabe da qual faz parte no interior colombiano. A arma é para a proteção da fazenda, não para o extermínio prazeroso de animais. Por estes, aliás, Santiago aprendeu a ter estima. É o antônimo do homem proprietário de multinacional e também do caçador-exterminador. E, se é alegre por seus próprios méritos, é porque vive do resultado do suor de seu próprio rosto, e esse é outro traço de

¹³ Termo extraído do trabalho acadêmico de César Eduardo Gordillo, *Barroco y Neobarroco en Del amor y otros demonios* (2011, p. 15).

¹⁴ Tradução: “Se não fosse pela chegada do bispo, teria vestido a roupa cáqui e as botas de montar com que ia, nas segundas-feiras, a O Divino Rostro, a fazenda que herdou do pai e que administrava com muito bom juízo embora sem muita sorte” (García Márquez, 1981, p. 11).

¹⁵ Tradução: “Do pai aprendeu, desde muito pequeno, o domínio das armas de fogo, o amor pelos cavalos e a mestrança das aves de rapina, e também as boas artes do valor e da prudência. [...] A morte do pai forçara-o a abandonar os estudos ao término da escola secundária para encarregar-se da fazenda. Por méritos próprios, Santiago Nasar era alegre e pacífico, e de coração aberto” (García Márquez, 1981, p. 15).

humanidade ambientalista em García Márquez: a dignidade dos que vivem sem explorar e ascendem socialmente devido a seu próprio trabalho. *El amor en los tiempos del cólera* apresenta um comentário que a criada Lucrécia del Real del Obispo conta para Fermina Daza sobre Florentino Ariza e sua mãe que revela bem esse traço aqui exposto: “Es gente honrada, hecha a puro pulso” (García Márquez, 1985a, p. 413).¹⁶ A humanidade ambientalista de ambos os trechos extraídos de García Márquez reside no fato de que as atividades realizadas pelos indivíduos citados possuem honra por não serem exploratórias, extrativistas, destruidoras ou corruptas. É uma ecocrítica que respeita quem ascende sem meios desviados: não explora nem muito menos destrói indivíduos e ecossistemas.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ecocrítica se faz presente nas cinco obras de Gabriel García Márquez apresentadas. O escritor colombiano, com sua formação político-literária de esquerda, republicana, democrática e interessada na defesa do povo colombiano, do que é nacional, de sua fauna e flora, expressa diversas facetas do que pode ser classificado como uma humanidade ambientalista, uma preocupação ecológica nacionalista, que além de denunciar, não se submete ao imperialismo ou ao extrativismo e suscita reações, modelos de postura diante de atrocidades cometidas e punições aos agentes agressores. A literatura *garciamarquiana* é, portanto, denunciante e propositiva.

Não é novidade alguma na literatura comparada afirmar que o material da literatura de Gabo é predominantemente colombiano, porém, como afirmou o seu biógrafo, Gerald Martin, que Macondo pode ser uma metáfora de qualquer cidade terceiro-mundista, as demais facetas que rodeiam essa literatura de preocupações ecológicas possuem semelhanças com as demais da América Latina e do Caribe. Como “o Caribe é um só país” (Rama *apud* Aguiar; Vasconcelos, 2001, p. 201), mas a ecocrítica de García Márquez permite que toda a América Latina, da patagônia ao México onde ele morreu, seja vista como uma pátria grande ecologicamente consciente de sua opulência e do quanto ela precisa e deve ser protegida por estados nacionais comprometidos com a sua defesa frente a ameaça de agentes internos e externos, e de quando estes se alinham num mesmo propósito.

A literatura de Gabo é ecocrítica porque denuncia injustiças ambientais, extrativismos e explorações ecossistêmicas, o que a alinha com a cosmovisão ameríndia, concepção na qual reside o epicentro ecocrítico latino-americano. E a defesa que Gabo faz do ecossistema caribenho ainda possui o acréscimo de uma perspectiva anti-imperialista, pois identifica de onde provêm as agressões impostas e sofridas, critica-as e as achincalha. A relação de Gabo com o Caribe passa pela organização corporal

¹⁶ Tradução: “É gente honesta, feita à força de pulso” (García Márquez, 1985b, p. 374).

bioquímica, como ele confessou ao cineasta e amigo colombiano Ernest McCausland¹⁷, até a defesa da sua natureza, ou seja, a defesa de si é também a de seu amplo entorno, e vice-versa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, F.; VASCONCELOS, S. G. T. (org.). *Ángel Rama*. Literatura e cultura na América Latina. Trad. Raquel la Corte dos Santos, Elza Gasparotto. São Paulo: EDUSP, 2001.

BRUGIONI, E.; MELO, A. C. Ecocrítica(s): Literatura e Colapso Ambiental. *Remate de Males*, Campinas, v. 42, n. 2, p. 254-259, jul./dez. 2022.

GALEANO, E. H. *O século do vento*. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Cem anos de solidão*. Trad. Eric Nepomuceno. 94. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Cien años de soledad*. 102. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 1996.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Crônica de uma morte anunciada*. Trad. Remy Gorga Filho. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Crónica de una muerte anunciada*. Barcelona: Seix Barral, 1983.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Del amor y otros demonios*. 14. imp. México, D.F.: Editorial Diana, 2001.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Do amor e outros demônios*. Trad. Moacir Werneck de Castro. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *El amor en los tiempos del cólera*. Bogotá: Editorial Oveja Negra, 1985a.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *El coronel no tiene quien le escriba*. 4. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2004.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Ninguém escreve ao coronel*. Trad. Danúbio Rodrigues. 28. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *O amor nos tempos do cólera*. Trad. Antonio Callado. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1985b.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Viver para contar*. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GARCÍA MÁRQUEZ, G. *Vivir para contarla*. 8. ed. Buenos Aires: Debolsillo, 2010.

GORDILLO, C. E. *Barroco y Neobarroco en “Del amor y otros demonios”*. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana; Facultad de Ciencias Sociales, 2011.

JACOB, L. A literatura indígena brasileira diante de Gaia: ensaiando o fim. *Gragoatá*, v. 28, n. 61, p. e56313, 1 jun. 2023.

¹⁷ A entrevista está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h7gue1lYoVk>.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MARTIN, G. *Gabriel García Márquez: uma vida*. Trad. Cordelia Magalhães. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

Title

The ills of extractivism: power and ecocriticism in Gabriel García Márquez.

Abstract

This article aims to point out and then analyze literary fragments of works by the colombian Gabriel García Márquez in the light of ecocriticism, which is one of the main contemporary developments of comparative literature and defined as a denunciation of how in general it is capitalism, with its extractivism, is the order that affects different ecosystems and produces injustices and collapses. Ecocriticism is linked to an ecological concern that dates back to the Enlightenment and in Brazilian literary criticism it begins to take its first steps. In Latin American literature, there are countless examples that contribute to the debate about environmental collapses caused by capitalism, and García Márquez's literature is part of this vast ecocritical group. To demonstrate the relationship between Gabriel García Márquez and ecocriticism, excerpts from his works that are consistent with this perspective will be exposed. In many of the works of the 1982 Nobel Prize-winning Colombian author, it is possible to observe criticism of criminal extractivism in Colombia, committed mainly by foreign agents, often in partnership with elites and local military governments. Thus, García Márquez is one of the authors who offers the most resources for ecocritical studies and paths to protecting ecosystems.

Keywords

ecocriticism; environmental colapses; capitalismo; latin american literature.

Recebido em: 12/03/2024

Aceito em: 12/07/2024